

O ENSINO DE HISTÓRIA POLÍTICA A PARTIR DO USO DA IMPRENSA: OS JORNAIS ENQUANTO OBJETO DE ENSINO DE HISTÓRIA**TEACHING POLITICAL HISTORY USING THE PRESS: NEWSPAPERS AS AN OBJECT FOR TEACHING HISTORY****LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA POLÍTICA A TRAVÉS DE LA PRENSA: LOS PERIÓDICOS COMO OBJETO PARA LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA**Pâmela Pongan¹ 

Recebido em: 20/08/2023

Aceito em: 30/09/2023

Resumo: O presente artigo visa construir uma reflexão acerca do Ensino da História Política em sala de aula e como o seu ensino traz alguns alicerces para que os alunos possam compreender qual é a definição e a real função da política, demonstrando desse modo, o seu caráter fundamental para a se compreender de que forma a sociedade se organiza. Destacando a utilização dos jornais como fonte para o ensino da História, considerando o fato de que a imprensa escrita, como fonte e objeto de estudo histórico, traz em si múltiplas possibilidades de análise, inclusive sobre o campo Político. Pois, diante do cenário político e social atual, revela-se de forma escancarada a necessidade de se aprender sobre História Política em sala de aula, de modo a se deixar de lado velhas ideias, as quais minimizam o papel da política apenas a esfera dos políticos, excluindo o papel de todos os cidadãos enquanto agentes políticos sociais. Já que o jornal, mesmo se estruturando de forma parcial, apresenta a sociedade em seu todo, abordando os mais diferentes personagens e aspectos que a moldam, nos permitindo visualizar a analisar específico momento e grupo social, desde sua cultura, economia, política e organização social.

Palavras-chave: Educação; Imprensa; História; Política; Sociedade.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the teaching of political history in the classroom and how it provides a foundation for students to understand the definition and real function of politics, thus demonstrating its fundamental nature for understanding how society is organized. Highlighting the use of newspapers as a source for teaching history, considering the fact that the written press, as a source and object of historical study, brings with it multiple possibilities for analysis, including the political field. Given the current political and social scenario, the need to learn about political history in the classroom is blatantly apparent, so as to put aside old ideas that minimize the role of politics to the sphere of politicians only, excluding the role of all citizens as social political agents. Since the newspaper, even if it is structured in a partial way, presents society as a whole, addressing the most different characters and aspects that shape it, allowing us to visualize the analysis of a specific moment and social group, from its culture, economy, politics and social organization.

Keywords: Teaching; Press; History; Politics; Society.

Resumen: El objetivo de este artículo es reflexionar sobre la enseñanza de la historia política en las aulas y cómo su enseñanza sienta las bases para que los alumnos comprendan la definición y la función real de la política, demostrando así su carácter fundamental para entender cómo se organiza la sociedad. Destacando el uso de los periódicos como fuente para la enseñanza de la historia, considerando el hecho de que la prensa escrita, como fuente y objeto de estudio histórico, trae consigo múltiples posibilidades de análisis, incluyendo el ámbito político. Dado el actual escenario político y social, la necesidad de conocer la Historia Política en las aulas es palmaria, para dejar de lado viejas ideas que minimizan el papel de la política al ámbito exclusivo de los políticos, excluyendo el papel de todos los ciudadanos como agentes políticos sociales. Ya que el periódico, aunque esté estructurado de forma parcial, presenta la sociedad en su conjunto, abordando los más diversos personajes y aspectos que la

¹Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo/RS – PPGH/UPF. Bolsista CAPES. E-mail: ppongan@hotmail.com.

conforman, permitindo visualizar el análisis de un momento y grupo social concreto, desde su cultura, economía, política y organización social.

Palabras-clave: Enseñanza; Prensa; Historia; Política; Sociedad.

INTRODUÇÃO

O ensinar nos dias atuais vem se mostrando um desafio cada vez maior, independentemente da área do conhecimento. Dentre os tantos obstáculos que causam prejuízos as relações de ensino-aprendizagem, podemos citar: a carência de recursos, desvalorização dos docentes, precariedade da estrutura escolar, desmotivação discente, entre outros. Entretanto, quando se trata do ensino de História, os desafios tendem a ser maiores, considerando as poucas horas dedicadas no currículo escolar para as ciências humanas e a pouca importância destinada a esta área do saber, apresentada como “irrelevante” e colocada entre as “disciplinas menores”, sendo menosprezada diante das consideradas prioritárias.

O presente artigo visa construir uma reflexão acerca do Ensino da História Política em sala de aula e como o seu ensino traz alguns alicerces para que os alunos possam compreender qual é a definição e a real função da política nos dias atuais. Demonstrando desse modo, o seu caráter fundamental para a se compreender de que forma a sociedade se organiza, a partir do uso da imprensa, em especial os jornais, como objeto de pesquisa e ferramenta didática.

Buscando fazer uma análise em relação ao ensino de História política dentro da sala de aula, vamos discutir acerca do conceito de Política seu surgimento e definição, apontando também a importância de compreender como as suas estruturas se compõem por meio da política.

Posteriormente, vamos buscar por compreender a função da História como também o grande desafio imposto ao professor enquanto aquele que auxilia o educando na construção do seu próprio conhecimento. Percebendo a História com a prerrogativa de que o seu ensino disponibiliza os alicerces necessários para se compreender o que é política, qual sua função e essencialidade para a nossas vidas, bem como para poder transformá-la.

Em seguida, adentraremos na questão do uso da imprensa, em especial do jornal, em sala de aula. Pois, dentre tantas possibilidades de transformar o ensino da História em algo prazeroso e interessante, está a renovação constante de fontes utilizadas em sala para ensinar/pesquisar tal ciência.

Segundo essa visão, nos últimos anos, expandiu-se o ensino de história por meio da inclusão de novas temáticas bem como do aumento das fontes utilizadas através da incorporação de uma grande quantidade de materiais e problemas diversificados, evitando desse

modo a exclusão de vários sujeitos e ações históricas que eram tradicionalmente operadas pelos manuais e programas de ensino (FONSECA, 2011).

Esta incorporação de novas fontes permite a utilização de documentos históricos em sala de aula, o que pode ser encarado como um ponto de partida para a prática do ensino da História, bem como a “oportunidade de que o professor possa ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias ao ‘saber-fazer’ História” (SCHMIDT, 2009, p. 117).

Nesse sentido, é fundamental que estes “objetos de estudo apresentem suas mediações e contradições, deixando transparecer toda a trama de relações sociais que os compõem” (BORGES, 1986, p. 33-34). Entre os tantos documentos que podem ser utilizados em sala de aula, há a imprensa periódica.

A utilização dos jornais como fonte para o ensino da História vem encontrando cada vez mais espaço, considerando o fato de que a imprensa escrita, como fonte e objeto de estudo histórico, traz em si múltiplas possibilidades de análise (BITTENCOURT, 2011). Essa prática de ensino-aprendizagem deve trazer em si a necessária superação das dificuldades advindas do trabalho com os periódicos, uma vez que, ao levar o pluralismo para a sala de aula, o jornal também leva para a escola uma história truncada, num quadro pelo qual surge o papel do professor que, com as opções de que dispõe ou escolhas que faz, é capaz de ensinar o aluno a ordenar e compreender o caos aparente (SILVA; ALVES, 2010).

Dessa forma, nos embasaremos na busca por alternativas que aliem o ensino de História Política ao uso de periódicos impressos quanto fontes históricas, para que seja instigado no aluno o interesse da pesquisa histórica, o que permitirá aos alunos a construção de reflexões acerca da sociedade em que vivemos.

CONCEITUANDO POLÍTICA

A palavra “política” está ao nosso redor, no dia-a-dia, a todo momento, em jornais, programas de televisão, internet entre outros veículos de comunicação essa associada muitas vezes a protestos e manifestações os quais presenciamos, estando em tudo a nossa volta. Desse modo acabamos vivendo a política sem ao menos percebermos e compreendermos o seu impacto em nosso cotidiano. Devido ao fato de ser um conceito com uma grande amplitude, pode dessa forma causar alguma confusão e assim, se faz essencial compreender qual a sua definição.

A política afeta diretamente a dinâmica de todas as organizações que compõem a sociedade e, por essa razão, é fundamental que as pessoas conheçam esse universo para o bom exercício de sua cidadania.

Segundo Schmitter (1965), a resolução de conflitos ou um conjunto de procedimentos formais e informais que expressam relações de poder e que se destinam à uma resolução pacífica de tais conflitos quanto a bens públicos seria a política. De um modo mais simples pode-se definir política como “a ciência da governança de um Estado ou Nação e também uma arte de negociação para compatibilizar interesses” (SCHMITTER, 1965, p. 35).

O surgimento da política se deu na Grécia antiga por volta do século IV a.c., período em que o homem começa a passagem da consciência mística para uma consciência e uma atitude filosófica. A política surgida nessa época não é igual à que temos hoje, pois dizia respeito, de forma exclusiva, a organização das cidades das *pólis*, as quais eram as cidades-estados que se autogeriam e que formaram o modelo para atual democracia.

A palavra política tem sua origem no vocábulo grego *politéia*. Tal palavra era aplicada para se expor todos os assuntos relacionados a *pólis* (Cidade-estado), os quais referem-se a vida em comunidade. Desse modo, pode-se afirmar que a política está relaciona-se diretamente à vida em sociedade, compreendendo-a enquanto o fazer de todos os sujeitos que compõem tal comunidade possam expressar suas particularidades e conflitos sem que o cenário se transforme em um pandemônio e transforme-se em uma desordem social. Vale ressaltar que mesmo tendo a sua origem a partir dos gregos e romanos da política, é inegável a presença de relações semelhantes de autoridades e comando em civilizações antecedentes ao redor do mundo.

Segundo Dallari (2004), em sua obra afirma que a palavra “política” tem origem grega, sendo especialmente essencial para a compreensão de seu sentido compreender e analisar a obra do filósofo Aristóteles, o qual viveu em Atenas no século IV período esse em que a “política” afluía na Grécia Antiga:

Os gregos davam o nome de polis à cidade, isto é, ao lugar onde as pessoas viviam juntas. E Aristóteles diz que o homem é um animal político, porque nenhum ser humano vive sozinho e todos precisam da companhia dos outros. A própria natureza dos seres humanos é que exige que ninguém viva sozinho. Assim sendo, a “política” se refere à vida na polis, ou seja, à vida em comum, às regras de organização dessa vida, aos objetivos da comunidade e às decisões sobre todos esses pontos (DALLARI, 2004, p. 8).

Partindo de tais considerações, é possível perceber que a ideia de política se originaram à organização da vida coletiva bem como as maneiras de se organizar esse modo de vida. Nessa perspectiva, é essencial perceber que a política é imprescindível para a organização da vida em sociedade; por mais difícil que seja poder falar em política atualmente sem se ouvir afirmações bastante difundidas como “eu não gosto política” “política é só pra político” ou “não falo sobre

política”, é por meio dessa que definimos as nossas normas de convivência além dos padrões de conduta considerados válidos em determinados contextos.

Segundo o cientista político Norberto Bobbio, em sua produção: *O Futuro da Democracia* (2000), em democracias consolidadas estamos assistindo ao fenômeno da apatia política, que pode chegar a envolver grande parcela da população. Partindo do ponto de vista das discussões do tema da cultura política, estas pessoas não se encontrariam dentro do chamado input (cultura participante), se considerando empenhados na articulação de demandas e formação de decisões, ou mesmo de uma parte da população denominada do output (cultura dos súditos), que se refere àquela parcela que só dão alguma atenção à política pois esperam extrair algum benefício direto de seu interesse pessoal (BOBBIO, 2000).

Algo de sua importância a ser considerada é o fato de que as mudanças da história acabaram por promover profundas alterações nos modos de organização das sociedades. Tais mudanças, entretanto, acabaram por não afetar o núcleo do conceito de política, o qual continua o mesmo desde sua origem na Grécia Antiga.

De acordo com Rua (1998), pode-se definir a política como “[...] o conjunto de procedimentos formais e informais que expressam relações de poder e que se destinam à resolução pacífica dos conflitos quanto a bens públicos” (RUA, 1998, p. 232).

Assim a política relaciona-se diretamente as organizações e poderes essas escolhidas pelo homem. Conforme Maar (2004, p. 9) aponta que a “[...] política surge junto com a própria história”, como resultado da “[...] atividade dos próprios homens vivendo em sociedade”.

Dessa forma todos os sujeitos que vivem na sociedade e a compõem precisam conhecer o que é política de forma a poder participar da organização social. Pois quem entende de política e a utiliza detém do poder.

A HISTÓRIA POLÍTICA EM SALA DE AULA

Ao compreender que a política afeta diretamente a dinâmica de todas as organizações que compõem a sociedade e, por essa razão, afeta nossa vida diretamente é fundamental compreender como ela se compõe, sua complexidade e suas reflexões. E a História aparece enquanto uma das disciplinas escolares que podem auxiliar nessa compreensão, por ser uma ciência que tem na política um de seus objetos de análise:

O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo [...] é preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade e nostalgia.

Historiador/professor sem utopia é cronista e, sem conteúdo, nem cronista pode ser (PINSKY, 2010, p. 19).

Nesse sentido, a História pode auxiliar a compreensão sobre a política, principalmente por ter a função de conscientizador, questionadora e reflexiva, tendo a responsabilidade social de auxiliar na compreensão dos indivíduos frente ao mundo que os rodeiam. Pois, é uma ciência particular, que não se limita apenas a compreensão e explicação das narrativas do passado, mas possui caráter e natureza de múltiplas temporalidades que se baseiam nas experiências históricas dos sujeitos.

É fundamental perceber a especificidade do ensino de História, ao desenvolver nos alunos a capacidade de criar condições para construir o próprio conhecimento, operando e entendendo o pensamento histórico:

Em História, a aprendizagem é orientada para uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes. A História não trata de certezas sobre um passado considerado fixo até que novos factos sejam descobertos; existem construções historiográficas diferentes, por vezes a responder a perguntas muito próximas, mas com enfoques diferentes [...] os historiadores podem produzir narrativas divergentes, fruto de perspectivas diferenciadas sobre as mesmas fontes ou situações (BARCA, 2006, p. 95).

Pois, como afirma Bloch, a História é a “ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55). Partindo dessa visão, Brodbeck vai afirmar que esses “homens” se apresentam enquanto os personagens, grupos ou instituições (sujeitos individuais ou coletivos); e o tempo é demonstrado como algo complexo, devido a ser intangível, abstrato, ofertando dessa maneira uma gama de possibilidades para reflexão e estudo, sendo capaz de se consistir em diversas formas de tempo como: biológico, cronológico e subjetivo. “Bloch defendia que o tempo da História deveria ser pensado em termos de articulação que envolve *espaço e tempo* e pela ideia de que o *presente* é importante para compreensão do *passado* e vice-versa.” (BRODBECK, 2012, p. 11).

O professor tem o seu papel enquanto mediador do conhecimento, o qual tem a responsabilidade de desafiar e auxiliar o aluno na construção e na busca de novos conhecimentos e experiências a fim de contemplar a sua formação, o professor de história nessa perspectiva também demonstra o seu papel na qualidade de investigador ao passo em que deve utilizar variadas fontes durante as análises realizadas em sala de aula juntamente com os alunos, de modo que esses possam construir uma consciência histórica ao perceber a História constituída através de diferentes perspectivas. O professor desse modo tem o dever de realizar

a contextualização ente o passado e o presente, assim o aluno tem a possibilidade de criar pressuposições acerca do hoje e da sociedade que o cerca:

O professor de história é um auxiliador no processo de aprendizagem do aluno, transmitindo o conteúdo de maneira adequada, considerando a idade, capacidades e limitações dos alunos, além disso, o professor deve considerar fatores externos que envolvem a aprendizagem da disciplina de história como a cultura, localidade, a própria história, fatores sociais, políticos e econômicos do cotidiano dos alunos, assim o aluno absorve melhor o conteúdo e desperta interesse e curiosidades das ações de seu dia a dia, participando mais da sociedade (MIRANDA; SCHIER, 2016, p. 126).

Desse modo o surgimento da consciência histórica ocorre através da junção do pensamento histórico científico e o pensamento histórico geral, de maneira a colaborar na formação do discente, apresentando assim a função da Educação Histórica e do professor.

Assim, a História demonstra a sua faceta problematizadora e de investigação, ao perceber o educando enquanto sujeito ativo diante a construção de sua própria formação, o tem a função de utilizar de todos os artifícios disponibilizados por essa ciência para compreender o que se passa à sua volta. Dessa maneira, o conhecimento do passado acaba perpassando assim a concepção de presente de cada educando, e o ensino da História por sua vez, através do saber histórico, tem como objetivo principal a construção da consciência histórica.

Nesse sentido, o ensino de uma História política auxilia ao educando a adquirir as ferramentas para compreender de que maneira a nossa sociedade se constituiu as noções de democracia, governo para poder assim a partir da sua própria consciência fazer uma reflexão de quais os melhores caminhos para a efetivação de uma sociedade justa e política a qual traz o envolvimento de todos:

[...] a História deve contribuir para a formação do indivíduo comum, que enfrenta um cotidiano contraditório, de violência, desemprego, greves, congestionamentos, que recebe informações simultâneas de acontecimentos internacionais, que deve escolher seus representantes para ocupar os vários cargos da política institucionalizada. Este indivíduo que vive o presente deve, pelo ensino da História, ter condições de refletir sobre estes acontecimentos, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre os diversos fatos de ordem política, econômica e cultural [...]. Temos que o ensino de História deve contribuir para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, para que possa entender que cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtida em lutas e em diversas dimensões (BITTENCOURT, 2008, p. 20).

Ao se ensinar História Política se cria condições para que o aluno aprenda a andar com seus próprios pés, que o mesmo possa construir suas próprias reflexões. Despertar o senso

crítico para “entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom” (SCHMIDT, 2015 p. 57), mas sim por meio de estudos, pesquisas, debates, discussões, reflexões e redescobertas diante da realidade social, em seus mais variados aspectos e épocas.

Freitas (2010), aponta que a História acaba por assumir diversas funções, podendo ser:

[...] destinada as tarefas de compreender a experiência humana (Gustav Droysen), descobre as leis que governam os acontecimentos (Thomas Bucke), compreender o presente e apurar o senso crítico (Langlois e Seignobos), fornecer prazer (Marc Bloch) e descobrir os padrões de mudança histórica (Eric Hobsbawm) (FREITAS, 2010, p. 51).

A sala de aula não é um simples espaço de transmissão de informações, mas antes um ambiente de vivências, de experiências, de relações entre professor e alunos, construindo sentidos e significações:

O cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolar pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é permeada de alienação (BITTENCOURT, 2011, p. 169).

O ensino da História política assim se faz fundamental pois o aluno só poderá compreender como se estrutura a política e sua real função a partir do momento que conhecer como a mesma se deu qual suas origens e função ao longo da História.

A IMPRENSA COMO OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA

O reconhecimento da imprensa como fonte e objeto de pesquisa histórica tem como marco inicial a década de 1970. Segundo Luca (2005), embora houvesse um reconhecimento da importância dos impressos, devido a sua introdução e difusão no país desde o século XIX, houve resistência por grande parte dos historiadores em escrever a História por meio da imprensa, o que resultou a este período uma pequena quantidade de pesquisas que tinham como fonte jornais e revistas com o objetivo de conhecer a história do Brasil:

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual, precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista

deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (LUCA, 2005, p. 112).

No Brasil, na primeira metade do século XX, os historiadores adotaram duas posturas diante do jornal quando fonte/documento histórico: “Com desprezo, ao considerar os periódicos como fontes suspeitas, portanto sem validade; ou com enaltecimento, ao encarar o jornal como repositório da verdade, considerando as notícias como relatos fidedignos dos acontecimentos registrados” (CAPELATO, 1988, p. 18). Estas posições passaram a ser criticadas ainda na segunda metade do século XX, entrando em decadência junto com a “noção de documento como espelho da realidade, da verdade e da objetividade” (CAPELATO, 1988, p.19).

Nos anos 70 a fonte jornalística recebeu novas perspectivas por meio dos olhares advindos das novas concepções e métodos consequentes da Nova História, que direcionaram os novos conhecimentos da historiografia modificando não só a forma de fazer história, mas também transformando os métodos de análise crítica sobre os documentos, ampliando desse modo os horizontes documentais.

A partir da terceira geração dos Annales, do pensamento marxista e fundamentalmente as contribuições de Michel Foucault, a historiografia abriu-se a uma nova gama de propostas e objetivos, problemas e abordagens. De acordo com Luca (2005), essa interação juntamente com outras ciências humanas e a expansão do campo de possibilidades de pesquisa dos historiadores, tornou-se fruto dessa transformação temática trazendo assim contribuições metodológicas de fundamental importância para história, além de fazer com que os historiadores repensem sem as fronteiras de sua disciplina bem como a própria concepção e análise crítica dos documentos.

Conforme Burke (2008), se os historiadores estão mais preocupados do que seus antecessores com uma maior variedade de atividades humanas, devem examinar uma variedade maior de evidências. Esta ampliação das temáticas e abordagens contribuiu para a expansão do universo das fontes, e a imprensa que antes era tida como fonte suspeita e sem credibilidade, passou a ser considerada como um material de pesquisa valioso e uma das principais fontes de informação e pesquisa histórica. O estudo da fonte jornalística permitiu ampliar os horizontes para novas reflexões e problemáticas nos conhecimentos sobre as sociedades do passado:

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma

Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988, p. 21).

Dada a importância e a ampliação do uso da imprensa e suas possibilidades como objeto e/ou fonte de pesquisa histórica, novos posicionamentos e metodologias frente a ela tornaram-se necessárias reconhecendo sua historicidade e problemáticas:

O jornal é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas (CAPELATO, 1988, p. 21).

Nesse sentido, a pesquisa com jornais em sala de aula traz muitas possibilidades de aprendizagem, tendo em vista que são fontes propícias a um leque de indagações e reflexões, pois apresentam questões que vão desde às elites brasileiras às classes com menos visibilidade no cenário nacional; os grandes fatos que marcaram a historiografia às particularidades dos sujeitos históricos. Pois, a imprensa acompanha o caminhar da História nacional e regional, presenciando e registrando os grandes momentos políticos e sociais que passaram tal região ou o país todo, estando intimamente ligada ao cotidiano da sociedade, estabelecendo representações de um passado:

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da colônia em Império e participar intensivamente do processo. A imprensa é a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a construção do passado (LUCA, 2008, p. 8).

Desta forma, a pesquisa em jornais no processo de ensino-aprendizagem permite ainda, instigar os alunos à crítica das fontes, a partir da concepção de que os periódicos apresentam versões de um dado contexto histórico, não implicando necessariamente em sua verdade, com bem nos enfatiza Silva; Franco:

Entretanto, tomar o jornal como fonte não significa pensá-lo como receptáculo de verdades; ao contrário, o que se propõe é pensá-lo a partir de suas parcialidades, a começar pela observação do grupo que o edita, das sociabilidades que este grupo exercita nas diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar atores políticos (SILVA; FRANCO, 2010, p. 5).

Segundo Renée Zicman, existem dois campos que unem a história e a imprensa: O primeiro é a “imprensa através da história”, que engloba os trabalhos históricos que utilizam a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica; o segundo é a “História da Imprensa”, que busca reconstruir a evolução histórica dos órgãos de imprensa e levantar suas principais características para um determinado período histórico (ZICMAN, 1985, p. 89). De acordo com a autora, a imprensa é importante para o historiador, pois “é rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc.” (ZICMAN, 1985, p. 90). Estas características apontam para o campo de ação da imprensa e sua intervenção na vida social, política e cultural de uma sociedade. A imprensa registra, comenta e participa da história, possibilitando ao historiador acompanhar o percurso dos homens no tempo (CAPELATO, 1988).

Assim, a importância da imprensa periódica na historiografia contemporânea torna-se cada vez mais evidente, a relação estreita entre História e Imprensa nas últimas décadas, tem contribuído de forma significativa para o conhecimento histórico das sociedades do passado, o que levou os historiadores a renovar seus olhares e readaptarem seus posicionamentos e métodos frente a fonte jornalística. Dessa forma, é possível perceber a dimensão e relevância de se trabalhar em sala de aula com fontes históricas como o jornal, muitas vezes desconhecidas pelo aluno, permitindo-o múltiplas possibilidades de conhecimento e análises histórica.

O USO DE JORNAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA POLÍTICA

Por fazerem parte do cotidiano social, os jornais impressos se apresentam como uma notável fonte de pesquisa, pois estão tradicionalmente presentes em todos os estratos sociais, se constituindo a partir de diversos aspectos de informação e entretenimento, construindo uma narrativa da realidade pautada em seus valores, ideias e acontecimentos.

Nosso atual contexto abriu no campo educacional espaços para estudos em diversas áreas do conhecimento através do uso de diversificados materiais e meios. Neste contexto, os meios de comunicação, como os jornais impressos, se tornam importantes aliados no ambiente escolar, considerando que fazem parte da vida do aluno, o que facilita a exploração e oportuniza uma compreensão e formação sobre a realidade que se encontram:

Trabalhar o jornal na sala de aula se transformou numa ação relativamente comum e, em certo grau, bem desenvolvida. Professores e educadores têm à sua disposição uma série de instrumentos para viabilizar esta prática. Programas desenvolvidos por

empresas jornalísticas e secretarias de educação (nas esferas municipal e estadual), ações individuais de professores que se encantaram pela técnica, e exemplos de atividades semelhantes, que podem ser encontradas na web, fazem do jornal um instrumento desconstruído e de fácil manuseio para os professores dos ensinos fundamentais e médio (RODRIGUES, 2007, p. 07).

O leque de possibilidades e metodologias no processo de ensino-aprendizagem com o uso de jornais é grande, pois esse já se apresenta como um recurso consolidado, pois faz parte do cotidiano brasileiro desde o século XVII, sendo de fácil acesso a todos os sujeitos. Além de que, não há necessidade de equipamentos para pesquisá-lo, o que o torna uma ferramenta pedagógica acessível, prática e próxima dos professores e alunos. O educador poderá manuseá-lo no intento de gerar mais informações além daquelas exibidas no livro didático, promovendo a aprendizagem, o desenvolvimento crítico e cognitivo dos aprendizes em virtude da atualidade das notícias estabelecendo questionamentos sobre temas por todo o mundo:

Os jornais também ajudam a formar o cidadão, contribuindo para que os leitores entendam seu papel na sociedade, e na formação geral do estudante, pois amplia o nível cultural dele, além de desenvolver suas capacidades intelectuais. A leitura das publicações se relaciona à necessidade dos alunos de comentar, debater e discutir assuntos tratados pela população em geral, fornecendo informações necessárias para orientar a vida política e social dos leitores (LUTZ, 2013, p. 3).

Somando a estas contribuições apresentadas por Lutz, a utilização de jornais impressos em sala de aula quanto recurso pedagógico, auxilia aos alunos no conhecimento e a aplicação da norma culta da língua, além de proporcionar o contato com textos autênticos, que trazem consigo a responsabilidade de ser registro histórico. Entretanto, para um resultado positivo no processo de ensino-aprendizagem com esta ferramenta, é necessário que os professores estão preparados para usá-lo como tal, explorando-o da maneira que permita uma experiência do aluno com o saber histórico.

Como sabemos, dentro de uma edição do jornal coexistem diferentes linguagem e formas de expressão. Sendo assim, o docente deve estar devidamente amparado por uma metodologia de análise de periódicos, para que a partir desta, oriente aos discentes uma correta seleção, organização, análise e reflexão das informações contidas no impresso, pois assim este se mostrará um importante e válido recurso pedagógico e, conseqüentemente, uma fonte histórica. Além de “[...] também ser necessário mostrar aos discentes os diferentes sistemas e suportes do texto jornalístico, explicando o processo de construção da notícia, bem como questionar o mito da objetividade jornalística, através da distinção entre fato e versão” (LUTZ, 2013, p. 4).

Desta forma, a integração do jornal impresso na sala de aula, possibilita a criação, expressão e atuação política do aluno. Pois, os veículos de comunicação, no contexto social apresentam ideologias e políticas próprias, o que exprime quanto recurso pedagógico, a função de facilitar o processo de percepção da realidade, assim como da construção de um conhecimento crítico, o que é essencial no ensino da História:

Evitar o uso dos jornais é desvincular o aluno de seu contexto histórico cultural, retardando o desenvolvimento de habilidades que favorecem a apropriação crítica do conhecimento social e historicamente produzido. Para que isso ocorra é necessário que as escolas facilitem o acesso aos jornais impressos e digitais. Assim, acreditamos ser necessário ampliarmos as discussões sobre os usos dos jornais impressos e digitais em sala de aula como prática docente de leitura e escrita, contribuindo para um ensino de melhor qualidade e para a construção de um leitor crítico sobre o uso das mídias (ANHUSSI, 2009, p. 40).

Os jornais não se limitam a um veículo de informação somente, mas se apresentam como uma boa alternativa pedagógica, considerando que também propiciam o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção textual. Entretanto, mesmo diante de tantas possibilidades, ainda existem resistências quanto ao seu uso em sala de aula. Dentre as quais podemos destacar: a ausência cultural do contato e de práticas de leitura com jornais; a falta de interesse por parte de alguns docentes em diversificar as metodologias e os recursos em sala de aula; a falta de critérios na utilização de jornais no processo educacional; a defasagem educacional que assola o país; e a falta de formação discente quanto a novos métodos e práticas. Assim, é necessário um aprimoramento teórico também dos docentes, uma verdadeira articulação entre teoria e prática.

Por isso, a formação teórica nunca deve vir separada da atuação prática em sala de aula.

No máximo, a formação teórica permitirá ser aprovado nos exames e obter diploma, enquanto a formação prática daria bases para a sobrevivência na profissão. É preciso combater essa dicotomia e afirmar que a formação é uma só, teórica e prática ao mesmo tempo, assim como reflexiva, crítica e criadora de identidade (PERRENOUD, 2002, p. 23).

Neste sentido, a utilização dos jornais no ensino de História especificamente, é muito positivo, pois o exercício historiográfico exige articular fonte e teoria. Pois, em História, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em 'documentos' certos objetos distribuídos de outra maneira:

O ato de definir um documento específico como fonte para uma pesquisa, através de ações concatenadas, mediante um delineamento temporal e temático, exige por parte do historiador uma operação de caráter técnico. Nos dias de hoje, isso requer um cuidado ainda maior, tendo em vista que, nos tempos passados e atualmente, o estabelecimento de um arquivo enquanto fonte é reflexo de uma combinação de lugar (biblioteca, arquivo e etc), aparelho e técnica (DE CERTEAU, 2002, p. 81).

As técnicas de impressão, o status social da imprensa, a pessoal do editor, o material do jornal são, para o pesquisador, aspectos importantes na pesquisa do periódico, que aliados a metodologia, irão delinear a análise a partir de diversas temáticas, recortes temporais e orientações teóricas. Tendo esses elementos, o pesquisador/historiador pode examinar os discursos, localizar historicamente os sujeitos presentes na editoração do jornal ou quanto assunto apresentado, definir temas de análise em determinado tempo e local, entre outras possibilidades.

Um jornal, ao selecionar determinado tema, ordená-lo, estruturá-lo e narrá-lo, deixa exposto ao pesquisador o seu conteúdo, ideologia e público alvo. Assim, ao se trabalhar com uma notícia, o historiador tem como meta identificar as razões pelas quais o periódico optou por publicizar determinado assunto (LUCA, 2008, p.140).

Com intuito de facilitar no desenvolvimento da pesquisa histórica fundamentada em jornais impressos, é imprescindível a escolha dos arquivos aos quais essas fontes estão localizadas. Temos como exemplo as próprias sedes de jornais, bibliotecas públicas ou privadas e arquivos de todos os tipos; averiguar as condições de consulta e manuseio; observar a periodicidade dos folhetins, a impressão, e a publicidade deles; identificar os principais colaboradores e público alvo; esclarecer as fontes de receita e publicidade; e, por fim, examinar todo o material de acordo com a problemática escolhida.

Através do desenvolvimento do pensamento histórico a História passa a ser algo significativo para os educandos, demonstrando-se de suma importância, permitindo aos alunos dessa forma o questionamento e a análise de tudo o que o cerca esses por meio de uma visão consciente e crítica. Cainelli aponta que “aprender História seria: discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos. Olhar para o outro em tempos e espaços diversos” (CAINELLI, 2010 p. 27).

Dessa forma a escolha dos conteúdos se torna um ponto crucial, pois é a partir deles que torna-se possível possibilitar e proporcionar a construção de um pensamento crítico por parte dos alunos, por meio do levantamento de questões significativas e cotidianas. E para que isso ocorra se faz necessário e fundamental cada vez mais entender que:

Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos e reconstruídos na escola por sujeitos históricos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos vários espaços. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino outras fontes de saber histórico, tais como o cinema, a TV, os quadrinhos, a literatura, a imprensa, as múltiplas vozes dos cidadãos e os acontecimentos cotidianos. O professor, ao diversificar as fontes e dinamizar a prática de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da pesquisa histórica (FONSECA, 2003, p. 244).

Nesta perspectiva, essa metodologia se destaca ao auxiliar o aluno na percepção do processo das mudanças sociais, que são visíveis nos jornais, pois as retratam ao longo do tempo. Assim, o aluno através do estudo da História Política pode tornar-se um sujeito crítico e reflexivo, acerca do âmbito social por meio do estudo do passado e das experiências humanas já vividas, com a finalidade de compreender e entender as circunstâncias que compõem o hoje.

Trata-se, então, de proporcionar situações de aprendizagem que envolvam a reflexão sobre elementos cotidianos, favorecendo a compreensão do passado a partir do presente, bem como a compreensão do presente a partir dos elementos que configuram o passado. Essa prática agrega significado ao ensino de História, contribuindo para que os indivíduos se orientem no tempo, ampliem sua consciência histórica e seu senso de identidade, além de proporcionar relações mais humanizadas entre as esferas de convívio (CAINELLI, 2010, p. 76).

A sala de aula constitui um centro de pesquisa, reflexão e debate local onde o aluno constrói seu conhecimento por meio dos aparatos disponibilizados pelo professor fazendo relações com suas vivências e noções de mundo.

Neste contexto é válido lembrar que o uso do jornal em sala de aula é ainda uma novidade, mas também é cabível enfatizar que vem para acrescentar muitos conceitos e reduzir pré-conceitos a respeito das “verdades” que são vinculadas constantemente nos meios de comunicação, além de permitir ao aluno uma análise historiográfica sobre variados temas e enredos, permitindo o desenvolvimento da criticidade e da análise social do mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História apresenta seu papel enquanto ciência que possibilita um espaço de reflexões a respeito da produção do conhecimento histórico da origem, dos conceitos e do real papel que a política traz, aspectos essenciais no sentido da formação de uma consciência política por parte dos alunos. Assim, a disciplina de História, através na mediação do professor, passa a dar os

aparatos necessários aos alunos por meio dos diferentes suportes didáticos, para que a partir desses os próprios alunos possam construir o seu conhecimento. Nesse sentido, a História deixa de ser vista como uma simples apresentação de um passado estático, mas possui um sentido mais amplo e em prol da vivência cotidiana social e política de cada aluno.

No atual contexto escolar, a utilização de mídias como recurso pedagógico, principalmente o periódico impresso, desenvolve no aluno sua capacidade crítica, considerando que os veículos de comunicação apresentam diversas informações, que devem ser analisadas, questionadas, debatidas e refletidas pelos sujeitos sociais.

Como não há imparcialidade por parte do jornalismo, além de interesses financeiros ter voto de peso na escolha do que será e como será noticiado em várias redações por aí, é de suma importância apresentar ao aluno a possibilidade de desenvolver seu olhar crítico mediante atividades práticas em sala de aula, que lhe permitam analisar a técnica, os discursos e a organização dos jornais.

Neste sentido, o docente tem em seu alcance uma excelente ferramenta para revigorar suas aulas através da ampliação de horizontes e apropriação de conhecimento histórico-crítico. Através da utilização do jornal em sala de aula, o professor pode, juntamente com o aluno, identificar as vertentes que compõem o discurso jornalístico e analisadas, sendo a linguagem (forma de escrita) e a notícia (o que está sendo informado), visualizando e compreendendo as mudanças políticas e sociais ao longo do tempo na sociedade em questão.

Assim, podemos concluir que é possível utilizar o jornal como meio auxiliar no ensino de História Política em sala de aula. Sabemos que existem algumas dificuldades para esse tipo de atividade, porém também podemos salientar que este método desde que tomado os devidos cuidados é perfeitamente possível de ser trabalhado.

Segundo Lemos (2009), é possível perceber a partir das tecnologias o novo caminho e os novos aliados no processo de ensino-aprendizagem se compreendemos que os mesmos produzem e disseminam conhecimento diversas vezes de modo até mais atrativo que o modelo até então utilizado tradicionalmente. Não devido ao fato de serem fontes múltiplas de saberes que trabalham na mesma sintonia do perfil do aluno que temos contemporaneamente na sociedade pós-moderna, mas buscando um ponto de equilíbrio entre essa sistematização dos alunos e recursos tecnológicos se mostra atualmente como um grande desafio do professor nesses novos tempos. Porém as vantagens decorrentes dessa nova realidade podem desencadear em novos saberes até mais plurais dos que já pregavam os pensadores da educação do século anterior

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, M. S. M. (Orgs.). **Ensino da História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2007. p. 107-117.
- ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores**. Presidente Prudente: [s.n], 2009.
- BARCA, Isabel. Literária e consciência histórica. **Educar em Revista**. Curitiba. Especial. Dossiê: Educação Histórica, 2006.
- BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOBBIO, N. **O futuro da democracia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.
- BORGES, Vavy Pacheco et al. **O ensino de História (revisão urgente)**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BURKE, Peter. A comunicação na História. In: ABREU, Alzira Alves de et all. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: MauadX: Globo Universidade, 2008, p.61-82.
- CAINELLI, Marlene. **História**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino)
- CAPELATO, Maria Helena; PRADO Maria Ligia. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**; tradução: Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel - 2ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. São Paulo: Papyrus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. 13.ed. Campinas: historiae, Rio Grande, 3 (1): 19-36, Papyrus, 2011.

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino de História (Anos Iniciais)**. São Cristovão: Editora UFS, 2010.

LEMOS, Silvana. **Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola**. Rio de Janeiro: PUC, 2009.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUTZ, Cleyton Pereira. **O jornal impresso na educação: usos e perspectivas**. Campinas: Unicamp HISTEDBR, 2013.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MEC, Ministério da Educação e cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96**. Brasília: MEC. 1990

MIRANDA, Liliane de Jesus Nascimento; SCHIER, Dirlei Afonso. **A influência do ensino de história na educação infantil e formação do aluno Educação em Foco**, Edição nº: 08/Ano: 2016.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PERRENOUD, Philippe. (org). **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação** - Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Jaime. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Márcio de Oliveira ; VOSGERAU, D. S. A. R. . **O jornal na sala de aula: um recurso didático potencializador dos temas transversais para ensino fundamental e médio**. In: Anais VI ANPED-SUL – Seminário de Pesquisa da Região Sul, 2006, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006. v. 1. p. 1-8.

RUA, Maria das Graças. Análise de políticas públicas: conceitos básicos. In: RUA, Maria das Graças et al. (Org.) **O estudo da política: textos introdutórios**. Brasília: Paralelo 15, 1998.

SCHMIDT, M. A. A Formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMITTER, P. C. **Reflexões sobre o conceito de política**. In Cadernos da Unb Brasília Ed. UnB. 1965.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. **Imprensa e Política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica.** Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010.

SOBANSKI, Adriane de Quadros et. al. **Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções.** Curitiba: Base Editorial, 2009.

ZICMAN, René Barata. **História a través da imprensa** – algumas considerações metodológicas. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUCSP.* São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.